

O DESBRAVADOR

ORGÃO DO GRÊMIO CULTURAL «SANTÁ MARIA»



MANSI VILÓRIO DO

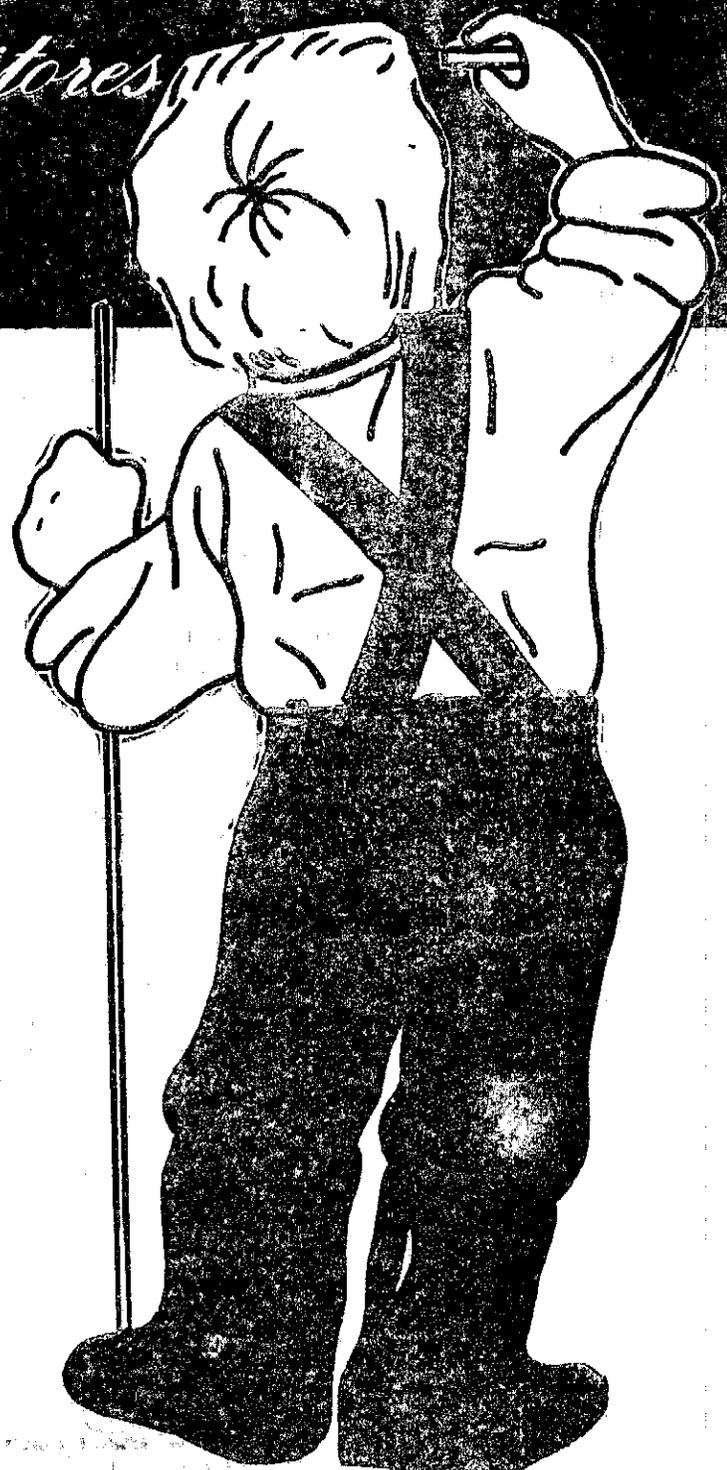
ANO 7

ABRIL

86

NUMERO 76

Escrevem os Leitores



"Há muito tempo venho recebendo o jornal "O Desbravador", e fico muito grato por me enviarem o mesmo, pois participo de três grupos de jovens e um grupo de escoteiros. E este jornal tem facilitado bastante o meu trabalho. Ele trouxe coisas novas nos nossos grupos...Eu gostaria de agradecer a pessoa desconhecida que colocou o meu nome para que eu recebesse este jornal tão maravilhoso que muda a vida das pessoas..."

DANIEL BEZERRA DE VASCONCELOS
CUITÉ - PB

"Tenho recebido quatro números de "O Desbravador" que realmente tem me ensinado suficiente sobre Doutrina Cristã... Mais uma vez lhes agradecendo..."

ARNALDO DOS SANTOS
ITABUNA - BA

"Recebia mensalmente essa linda e benemerita revista, da qual apreciava muito os artigos nela publicados, o que mais me impressiona é a afirmatividade da doutrina e a constância na Ortodoxia, nesse mundo corroído pelo liberalismo e onde campeiam falsas convicções. Mudei de endereço e gostaria de continuar a recebê-lo."

REMI QUEIROZ
BELO HORIZONTE - MG

"Eu também desejo receber o jornalzinho "O Desbravador", pois eu tomei conhecimento da existência dele através de uma amiga... Peço a Nossa Senhora que derrame a mais Santa Bênção sobre vocês..."

MARIA SANTINA DE OLIVEIRA
CAMPOS - RJ

"Escrevo esta para agradecer o envio deste órgão do Grêmio Cultural Santa Maria, que eu leio com muita atenção e encontro nos seus artigos prazer e felicidade de espiritual. Os exemplares deste jornal eu coleciono com carinho, e sempre os empresto aos colegas da Faculdade que se interessam pela Religião e seus ensinamentos."

Envio junto uma pequena e modesta colaboração, e termino, pedindo a Jesus Crucificado de Porto das Caixas que ilumine e abençoe todos os que participam na elaboração deste jornal..."

ELIANE PADRÃO
RIO DE JANEIRO - RJ

Ao nos aproximarmos do mês de maio elaboramos a presente edição em grande parte destinada a preparar os nossos leitores para tão grande mês.

Maio, mês das mães, maio, mês das flores, mas acima de tudo, maio, mês de Maria, a Flor das flores, a Rosa Mística, a Mãe por excelência, a Mãe de Deus e a Mãe dos homens.

Criatura escolhida por Deus a fim de ser Sua Mãe, Mãe a quem Seu Divino Filho entregou todos os homens aos pés da Cruz, Senhora Excelsa a Quem todas as gerações chamarão Bem Aventurada.

Ao cabo dos séculos tantos A ten chamado de Bem Aventurada, tantos dedicaram suas vidas a seu serviço, inúmeras congregações e confrarias se erigiram em seu louvor, igrejas foram dedicadas a Ela, tantas pessoas tiveram o nome de Maria em Sua homenagem e podemos dizer com os santos que ainda não se honrou, não se amou, não se serviu, não se glorificou suficientemente a Maria, pois muito mais honra, amor, glória e serviço Ela merece.

É com este intuito que estamos fazendo este número de abril: preparar os corações daqueles que lêem "O Desbravador" para festejarem o próximo mês de maio de maneira condigna e santa.

São Domingos Sávio, o jovem aluno de Dom Bosco, ao comemorar o último mês de maio de sua vida fez questão de comemorá-lo da maneira mais edificante e fez isso dizendo que não sabia se poderia comemorar outros nesta Terra.

Imitemos o mais jovem dos santos e nós também festejemos o próximo maio como se fosse o último de nossa vida tributando a Maria Santíssima todo o louvor e honra que de nossa parte Ela espera.

Quando o cometa Halley passou em 1910 pela Terra o mundo era completamente diverso dos dias de hoje. Estávamos na "Belle Époque", ou seja a denominação da bela época, caracterizada principalmente por uma enorme busca de prazeres e comodidades, bem como por uma grande despreocupação, dos seres humanos para as coisas mais sérias e mais elevadas da vida.

Veio a Primeira Grande Guerra (1914) e esse mundo de doçuras e diversões rolou por água abaixo. Aquela guerra, da qual se dizia que seria a última das guerras e destinada a acabar com todas as guerras findou com as ilusões.

Passaram os anos e tantos daqueles despreocupados que observaram o Halley, com muito mais brilho do que agora, foram se desiludindo, envelhecendo, adoecendo, morrendo. Hoje em dia são raríssimos aqueles que viram o cometa naquela passagem e que ainda vivem. Dentre esses últimos os mais "novos" estão chegando os 90 anos.

1986, o mesmo cometa volta a passar pela Terra. É um mundo bem diferente daquele da passagem anterior dele.

Época de inversão total de valores, inundada por uma maré avassaladora de imoralidades, de tóxicos, de crimes. É época de famílias desunidas, de costumes corrompidos, de um quase total esquecimento de Deus, da parte dos homens.

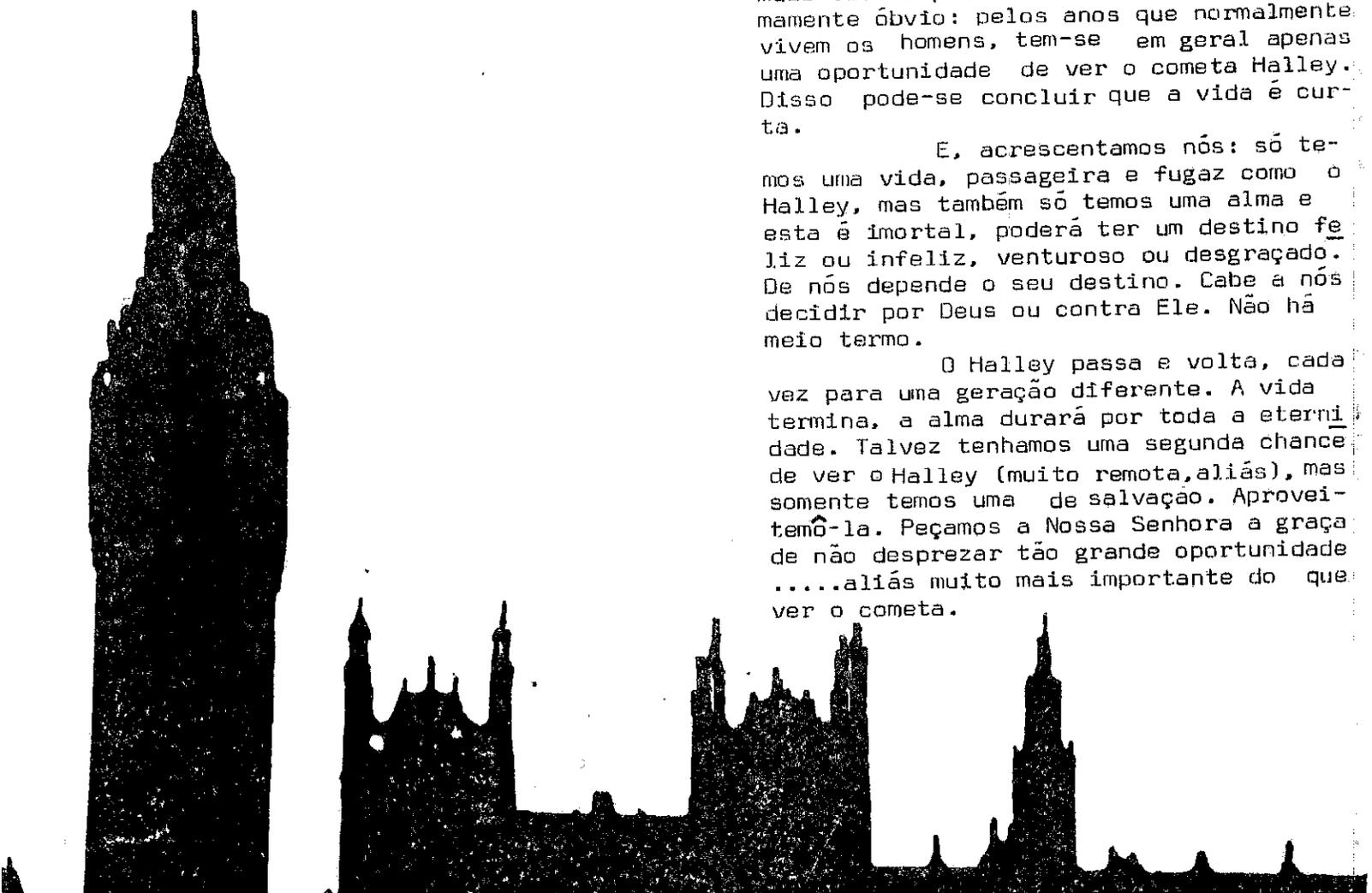
Se 1910 se caracterizava pela busca de uma vida doce e suave, 1986 se caracteriza pelo ateísmo prático da humanidade, que vive como se Deus não existisse e se entrega às mais variadas formas de abominações.

Os homens de hoje também terão desilusões, velhice, doenças, morte. Quem dos que hoje vivem verá o Halley em 2062?

Século XXI, ano de 2062, alguém que refletir sobre aquilo que ora escrevemos dirá que dos que viram o famoso cometa em 1986 pouquíssimos estarão vivos e dos que o viram em 1910 ninguém mais vive e poderá concluir algo de extremamente óbvio: pelos anos que normalmente vivem os homens, tem-se em geral apenas uma oportunidade de ver o cometa Halley. Disso pode-se concluir que a vida é curta.

E, acrescentamos nós: só temos uma vida, passageira e fugaz como o Halley, mas também só temos uma alma e esta é imortal, poderá ter um destino feliz ou infeliz, venturoso ou desgraçado. De nós depende o seu destino. Cabe a nós decidir por Deus ou contra Ele. Não há meio termo.

O Halley passa e volta, cada vez para uma geração diferente. A vida termina, a alma durará por toda a eternidade. Talvez tenhamos uma segunda chance de ver o Halley (muito remota, aliás), mas somente temos uma de salvação. Aproveitemo-la. Peçamos a Nossa Senhora a graça de não desprezar tão grande oportunidadealiás muito mais importante do que ver o cometa.



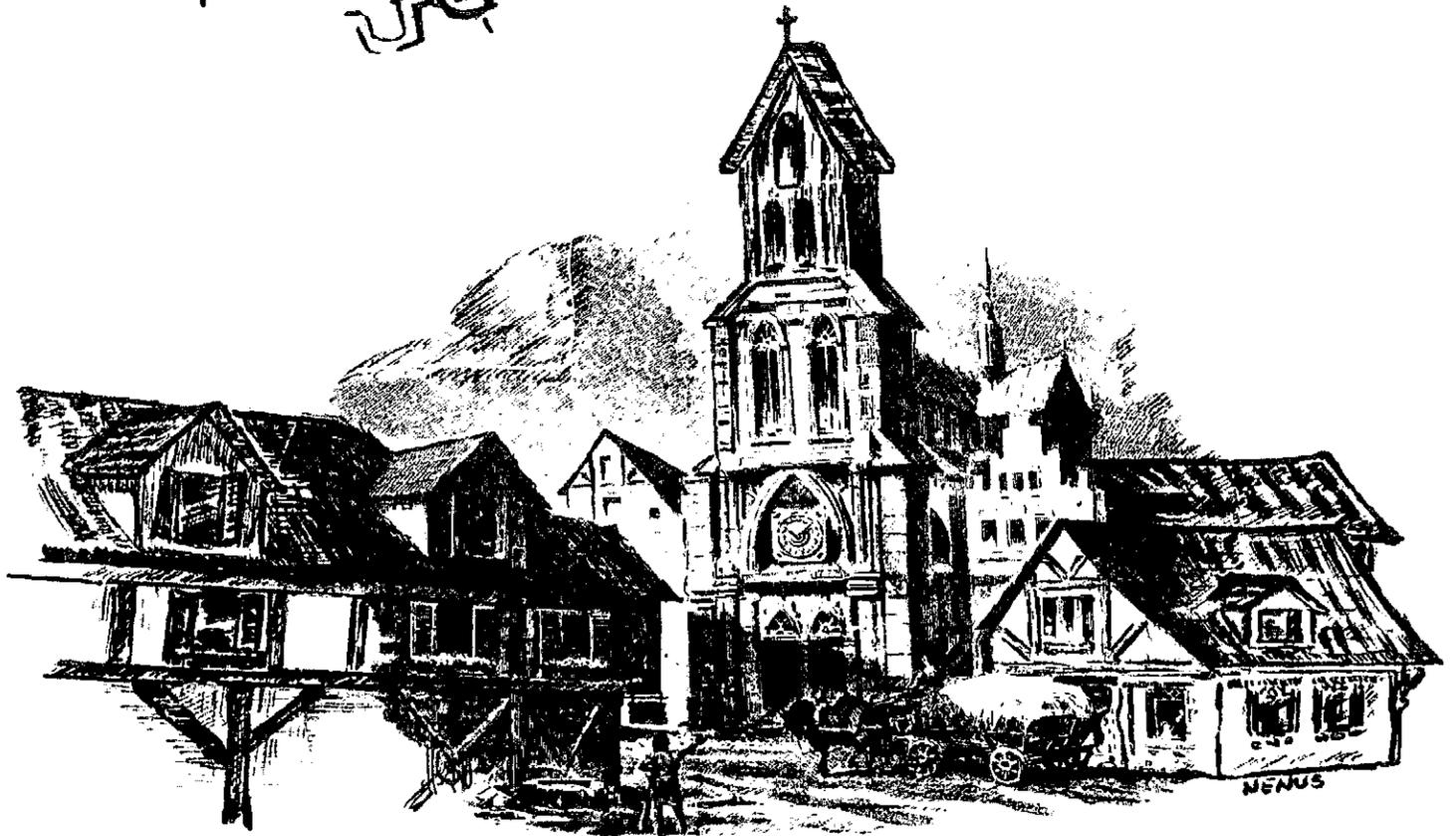
Quem verá o Halley em 2062?



MALABARISTA

de

NOSSA SENHORA



Nas aldeias da Idade Média, todo dia de feira era dia de festa. O bom povinho, reunido na praça, se atropelava, gritando e cantando. E em meio à balburdia, podiam-se ouvir os vários pregões:

"Queijos! Belos queijos de leite de cabra, temperados com ervas das montanhas!"

"Panos! Linhos da Inglaterra, sedas do Oriente, veludos da França!"

"Galinhas! Belas galinhas e gordos patos, prontos para a panela!"

E a praça se enchia de gente e de barulho...

De repente, alguém avisava: "O malabarista! O malabarista está chegando!" E num instante todo o mercado parecia parar.

Todo o mundo conhecia o malabarista. Era um moço-quase-irenino, vestindo farrapos de roupas ex-vistasas, onde a única coisa brilhante era uma grande pena altaneira presa ao chapéu. Ele chegava, trazendo consigo num saco as "ferramentas" de seu ofício, e debaixo do braço um pequeno tapete esburacado. Caminhava até o centro da praça, parecendo indiferente aos olhares de todos. Estendia seu tapete, cumprimentava respeitosamente o



público, e começava o seu número: Primeiro, as bolas. Três, quatro, cinco, seis bolas de madeira eram sucessivamente atiradas para o ar e recolhidas com agilidade assombrosa.

Depois, vinham os punhais e as tochas, descrevendo círculos doidos no espaço, parecendo vivos e querendo fugir para todos os lados, mas nunca escapando ao controle daqueles dedos incríveis...

Finalmente, a apoteose. Os já tontos viam incrédulos o pequeno malabarista apoiar-se nas palmas das mãos, elevar lentamente o corpo, e depois, com os pés, manter no ar, formando um torvelinho, oito bolas de madeira! O povo embasbacado, não regateava os brados de entusiasmo nem os aplausos, nem as moedinhas, que caíam em chuva sobre o tapete do malabarista...

E assim aquele menino vivia. Enquanto havia feira, ele corria de aldeia em aldeia, dormindo onde podia, e comendo o que lhe davam, ou o que suas moedinhas lhe permitiam comprar. E no inverno... Bem, nisso o pequeno malabarista preferia não pensar.



O outono terminou. Um vento gelado arrancou das árvores suas derradeiras folhas, o céu ficou cinzento, e a neve fria e fina começou a cair. Os camponeses se trancaram em su

as cabanas, e diante das lareiras contaram às crianças as velhas histórias que ouviram de seus avós... E na praça da aldeia, coberta por uma fina camada de neve, já não havia mais ninguém.



De madrugada passou por ali um monge, levando o último carro de lenha para os fogões de seu convento. E foi ele quem encontrou, enrolado e enregelado num canto da praça, quase morto de frio e de fome, o pequeno malabarista. Comovido, o monge o colocou sobre sua lenha e o levou para o convento.

Não houve desvelo que aqueles homens de Deus não tivessem para com o pobre menino. Graças a esses cuidados ele foi aos poucos se recuperando e readquirindo forças, e lá pelo meio do inverno ele já podia ajudar os monges em seus serviços mais humildes. Isto é, poderia ajudar, se não fosse tão desastrado. Os pratos de barro escorregavam misteriosamente de suas mãos... Os odres de vinho eram desajeitados, e se rompiam tão facilmente... E se o cabo da vassoura não fosse tão comprido, certamente o vitral da capela não se quebraria...

Por essas causas e por várias outras, os monges acharam que o melhor que o pequeno poderia fazer seria não fazer absolutamente nada. Apenas ele ficaria ali no convento, por caridade, até o inverno terminar.



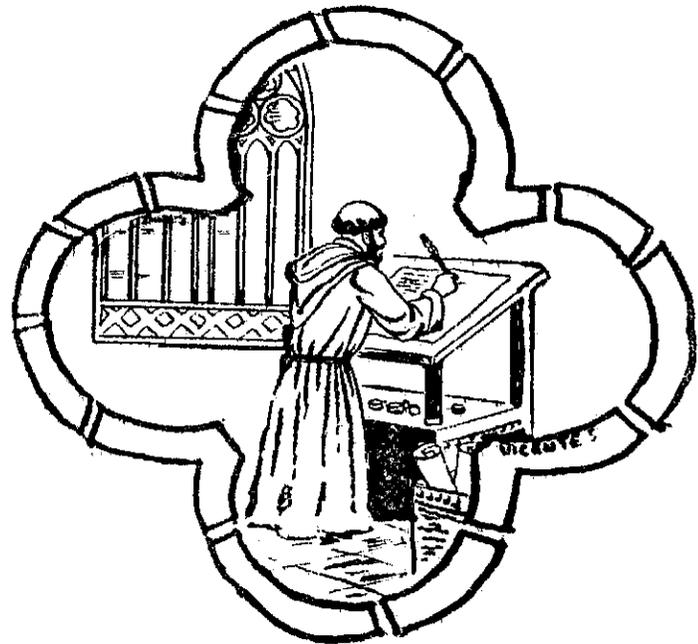
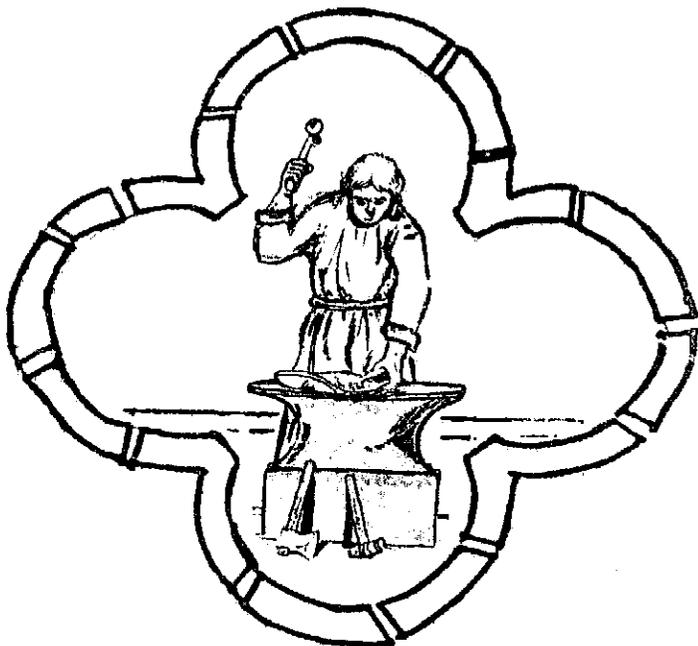
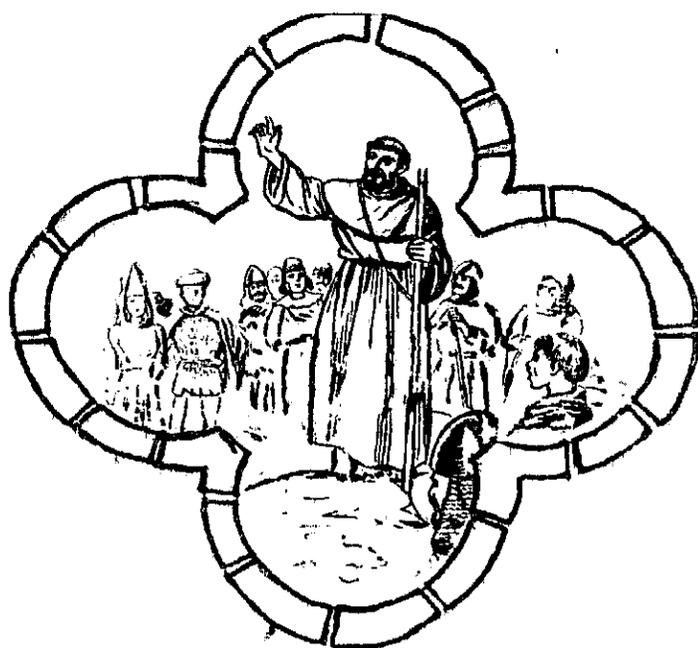
Finalmente chegou a primavera. Maio, mês das flores, mês de Maria. O malabarista, já habituado com a rotina do convento, estranha que ninguém esteja no pátio, durante o recreio da comunidade. O cozinheiro lhe explica:

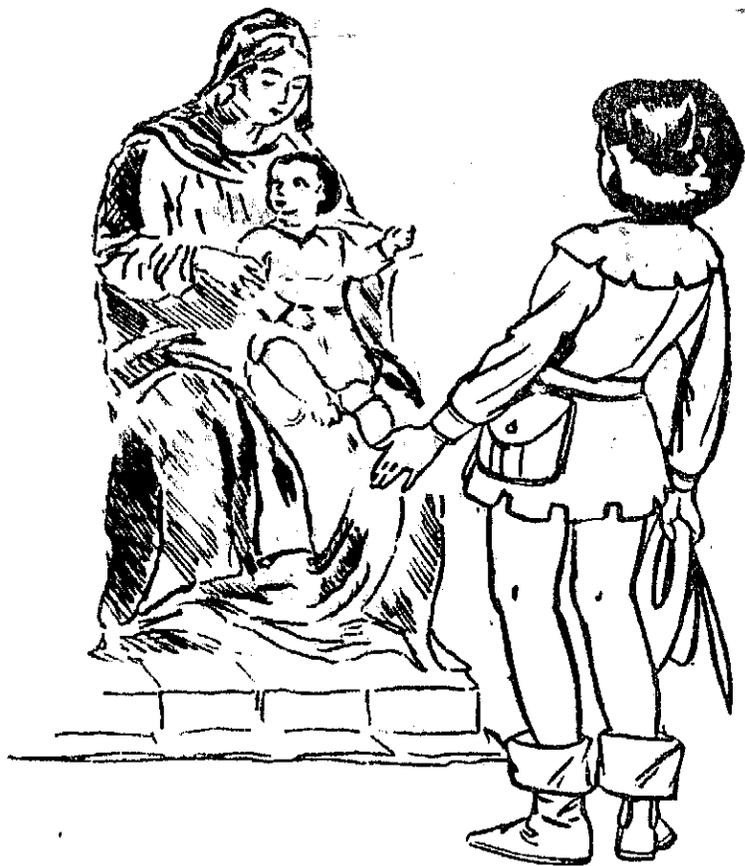
- "Estão todos ocupados, preparando o presente da Rainha."

- "Presente da Rainha? O que é isso?"

- "É um velho costume católico. No final do mês de maio todos nós apresentamos a Nossa Senhora alguma obra feita com carinho, em prova de nosso amor. Percorra o convento, e você verá que todos estão trabalhando."

E o menino viu. Viu um monge que se esmerava em copiar num pergaminho, enfeitado com iluminuras de ouro, uma bela oração à Santíssima Virgem; Viu outro, um velho frade de barbas brancas que lhe chegavam até a cintura, traçando com uma pena de pato lindos versos de um poema em louvor à Mãe de Deus; Viu outro ainda entalhando em cedro uma graciosa imagem da Virgem e do Menino; e assim viu todos, dando cada um o melhor de si para louvar a Rainha dos Céus.





E vendo aquilo, o pequeno cis
mava. Ele também amava muito a Nossa
Senhora, e como os outros, ele também
gostaria de fazer uma bela obra para
provar o seu amor. Mas fazer o que, se
ele não tinha jeito para nada? A não
ser...



Estamos na última noite do Mês
de maio. Durante todo o dia os monges
desfilaram na capela, um por um ofertan
do os seus presentes para a Mãe de Deus.
Agora, todos dormem, e a capela está va
zia.

A porta se abre lentamente,
rangendo um pouco. Na obscuridade, o ma
labarista caminha até o altar, e se
ajoelha diante da bela imagem da Se
nhora com o Menino. Depois, respira
fundo para tomar coragem, e balbucia:

"Minha Senhora, desculpe in
comodar assim tão tarde. Sei que ago
ra é hora do descanso, mas eu precisa
va falar com a Senhora sozinho. Eu
também quero oferecer um presente pa
ra a Senhora, mas a única coisa que eu
sei fazer é malabarismo... A Senhora
não se incomodaria se eu fizesse um
pouco de malabarismo, só para a Senho
ra e para o Menino Jesus?"

Enquanto falava, o menino
ia ganhando mais coragem. Ao terminar,
estendeu seu surrado tapete no chão, e
deu início ao número das bolas: três,
quatro, cinco, seis bolas iam sucessi-

vamente subindo até o teto da capela,
atiradas pelas mãos do pequeno mala
barista. Depois vieram os punhais, e
depois as tochas. O menino, inteira
mente concentrado em seu número, não
prestava atenção em nada mais. E não
viu quando um monge, primeiro surprezo
e depois escandalizado, olhou pela a
bertura da porta e se afastou corren
do, para chamar o superior.



As tochas voavam, descreven
do figuras fantásticas, e colocando
estranhos reflexos nos candelabros e
nos vitrais. Destramente, o menino as
recolheu, saudou a imagem com uma vê
nia, e apoiou as mãos no solo, toman
do posição para a "apoteose" final. As
bolas, uma a uma, foram subindo, ati
radas pelos ágeis pés. E tão concen
trado ia o pequeno malabarista, que não
percebeu a capela se encher de monges,
que se atropelavam, indignados e per
plexos.

E quando o superior ia sol
tar um brado de cólera, mostrando to
da a sua indignação, então algo de ma
ravilhoso aconteceu.

A imagem da Senhora se moveu.
O Menino Jesus estendia as suas mãozi
nhas, ansioso para segurar uma das bo
lias coloridas. E a Rainha dos Céus, in
clinada para poder ver melhor, ofere
cia ao pequeno malabarista uma linda
rosa vermelha que surgira milagrosamen
te em sua mão...

Os monges viram o pequeno
malabarista, exausto, se por de joe
lhos e sorrir. Ele colheu a rosa, le
vou-a aos lábios... e depois, muito
lentamente, como quem se acomoda para
descansar, deitou-se no chão. Quando
os frades tiveram coragem de se apro
ximar, verificaram emocionados que o
pequeno malabarista agradara tanto a
Nossa Senhora que esta o havia convi
dado para encantar os santos na gran
de praça que existe no céu.

É claro que este fato é ver
dadeiro, pois a lenda é a essência do
real. Mas algum espírito mais "quadra
do" poderia perguntar se êle de fato ã
conteceu. A êsse eu recomendaria que,
em suas viagens pela Europa, reparasse
nas imagens da Senhora com o Menino e
xistentes nas velhas igrejas conventu
ais. Certamente êle notará, em uma de
las, que o Menino Jesus tem nas mãos
um globo estranho, semelhante a uma
colorida bola de madeira... Ajoelhe
-se então, caro incrédulo, e reze
duas ave-marias: uma por você, e ou
tra por mim...

A ULTIMA COMUNHÃO



Isto se deu na China, numa aldeia missionária.

Na escola paroquial, entre as crianças de tez amarela e olhinhos amendozados que, compenetrados, rezavam na sala de aula, destacava-se Li, uma chinesinha que havia pouco fizera a primeira comunhão.

Naqueles dias, a fúria da revolução comunista assanhava-se contra os templos missionários com extrema violência.

Rezando, Li pensava: "Talvez seja esta última vez que a gente reza assim todos juntos..."

Ela se preparara com grande fervor para a primeira Comunhão, refletindo seriamente sobre todas as explicações da Irmã. Uma coisa a intrigara: Por que é que se pede no Pai Nosso, que nos seja dado o "pão nosso de cada dia"? Ela que se nunca comera pão... o que comia diariamente era arroz.

Então, perguntou a Irmã: "Por que é que a gente não pede a Deus que de o Arroz de cada dia?" A Irmã, tomada de surpresa respondeu: "É porque o que se pede é o pão do Céu, a Eucaristia. O teu corpo precisa de arroz, meu bem, mas a tua alma, que vale muito mais do que o corpo precisa do Pão da vida!"

No mês de maio, ao fazer a primeira Comunhão, Li pediu com todo o fervor a Jesus dentro do seu coração: "Dai-me sempre o Pão cotidiano, para que a minha alma viva e tenha saúde".

Desde então, Li comungara todos os dias. Quarenta sete vezes ao todo.

Subitamente, a porta abriu-se com estrondo e as crianças emudeceram e gelaram de horror. Entrou o chefe de polícia com quatro guardas, e atirou-se contra o crucifixo da parede, arrancou-o, jogou o ao chão e o pisoteou gritando: "A Nova China não tolera superstições tão grosseiras!" Depois, dirigindo-se às crianças ordenou-lhes: "Entreguem imediatamente os seus livros!"

Li compreendeu. Todas as crianças gostavam tanto de colecionar santinhos! Agora, era preciso desfazer-se deles. Só que Li não se conformava com separar-se do seu "Bom Pastor", a lembrança de sua primeira Comunhão. Tentou enfiá-la desfarçadamente na blusa, mas levou tremenda bofetada: "Sua porqueirinha, é assim que engana a República! Berrou o chefe de polícia. Tragam-me o pai desta criança."

Momentos depois, Li e seu pai, de mãos atadas atrás das costas e enquadrados por soldados, entravam na Igreja cheia de gente a mais não poder. Todos os aldeões, varridos pela polícia, amontoavam-se nela e escutavam um "sermão diferente": o chefe, trepado nos degraus do altar, esforçava-se por provar que os missionários, "agentes do imperialismo americano", os tinham engabelado para extorquir-lhes dinheiro.

A Seguir, berrou para os guardas, que arrombassem o sacrário e, dirigindo-se à multidão:

"Vamos ver agora se o Cristo de vocês sabe defender-se!"

Assim dizendo, atirou ao assoalho todas as hóstias do cibório.

Com uma gargalhada, exclamou: "Agora estão vendo como tudo isso são lérias. Se o Cristo estivesse aí, não consentiria que eu zombasse dele..."

Li sentiu lágrimas escorrerem-lhe pelas faces. "O que estavam fazendo com seu Pão! Mas pensou ela, Pilatos também zombou de Jesus, e Jesus não o matou..."

"Então, compreenderam? Urrou o chefe de polícia. E agora, sumam! E aí daquele que se atrever a pôr o pê neste antro de superstição!"

Momentos depois, a igreja estava vazia. Não de todo sô uma testemunha ali ficava o Padre missionário, que os moradores da aldeia tinham escondido num reduto do coro, com uma clarabóia dando para a igreja. Também ele estava preso, pois, se aparecesse, comprometeria ainda mais a vida dos seus fiéis. A ele devemos a narrativa destes fatos.

Na madrugada seguinte, a porta da igreja abriu-se devagarinho. Uma menina de dez anos entrou, prostou-se, aproximou-se do altar e, inclinando-se, recolheu uma hóstia com a língua. Breve ação de graças, e tornou a sair como entrara. Era Li: O Pe. Lucas nunca teria imaginado tanta coragem numa criança habitualmente tímida.

E assim, todas as manhãs, ao alvorecer, repetia-se a mesma cena: a meninazinha entrava, prostava-se, recolhia uma hóstia com a língua, depois saía de mansinho.

"Deus permita que ela possa recolhê-las todas! Mas, será que ela não sabe que pode tomar várias de cada vez?"

Não, ela não sabia: a Irmã falara claro que uma sô hóstia por dia bastava. Além disso, assim, a felicidade durava mais tempo!

No chão, sô ficava uma hóstia.

Ao alvorecer, Li entrou como de costume, aproximou-se do altar, ajoelhou.

Neste momento, o Pe. Lucas conteve um grito.

Postado na soleira da porta, um guarda apontava o revólver.

Um tiro seco, seguido dum gargalhada: "Toma lá, bisquinha à toa!"



NOSSA SENHORA DE TONGLU, NA CHINA. QUADRO DA VIRGEM MARIA, VENERADA COMO RAINHA DA CHINA. NA PARTE SUPERIOR DO QUADRO ESTÁ ESCRITO: MÃE DE DEUS, RAINHA DE TONGLU, ROGAI POR NÓS. NO SANTUÁRIO DE TONGLU HAVIA GRANDES PEREGRINAÇÕES NOS MESES DE MAIO, ATÉ A CHINA TER A DESGRAÇA DE CAIR EM MÃOS DO COMUNISMO.



A criança deu consigo em terra. Pe. Lucas julgou-a morta, quando viu que rastejava para junto da hóstia e nela colava os lábios.

Alguns sobressaltos convulsivos, seguidos de súbita distensão. A pequenina Li estava morta. Selo supremo de sua fidelidade à comunhão cotidiana fora aquela última hóstia.

FESTEJEMOS O MES DE MARIA

Em tempos passados (não tão distantes de nós) era esplendorosa a comemoração do mês de maio, dedicado a Nossa Senhora. Não somente nas Igrejas, como também nos lares, prestava-se um belo tributo à Rainha dos Céus e da Terra.

Com a secularização de nossa sociedade, com a decadência dos costumes, e principalmente com a crise por que passa a Santa Igreja, essas festividades foram sendo reduzidas e minimizadas, perdendo o mês de maio muito do antigo brilho.

Na medida em que procuramos dedicar a Maria Santíssima um grande amor, é nossa intenção contribuir para que se restabeleça o antigo esplendor do mês de maio. Para tanto, gostaríamos de sugerir algumas coisas aos nossos leitores para que eles contribuam para fazer do próximo mês de maio um mês verdadeiramente mariano.

Primeiramente gostaríamos de recomendar aos nossos leitores que em suas casas, suas escolas, suas firmas, seus seminários, e principalmente em suas igrejas promovam a reza diária, em grupos de pessoas, do Santo Terço.

De outro lado, cremos que seria do agrado de Nossa Senhora que fossem feitos altares com imagens de Nossa Mãe Celestial, e estes fossem enfeitados com flores, lamparinas, toalhas, etc.

Além disso, seria maravilhoso se neste maio cada um de nós iniciasse no seu meio um apostolado mariano, com distribuição de terços, estampas, orações e tudo o mais que estimule o culto mariano. Principalmente podemos falar de Maria, falar de sua imensa bondade e do amor que lhe devemos tributar.

Estas coisas estão ao alcance de todos nós e todos podemos fazê-las. Todos podemos estimular os outros a fazê-las também e a propagá-las pois Nossa Senhora merece isso e muito mais de nossa parte. Vamos fazer nesse maio tudo o que estiver a nosso alcance que possa honrar Nossa Senhora.

Principalmente, vamos dar a Maria a nossa alma, com uma mudança de vida sincera, uma conversão eficaz, um coração novo, tudo isso obtido através de uma confissão de nossos pecados feita a um sacerdote da Santa Igreja.



"BEM-AVENTURADA TU ENTRE AS MULHERES, RAINHA ENTRE AS RAINHAS. BEM-AVENTURADA TE CHAMARÃO TODAS AS GERAÇÕES, BEM-AVENTURADA CONFESSAM-TE AS HIERARQUITAS CELESTIAIS, BEM-AVENTURADA ACLAMAM-TE AS NAÇÕES" (Santo Ildefonso de Toledo) 11



Frei Martinho



da



Caridade



Numa manhã de 1594, uma antiga escrava bateu às portas do Convento dominicano de Nossa Senhora do Rosário, em Lima, pedindo aos frades que aceitassem seu filho de 15 anos na qualidade de "donado" (doador), isto é, entregue à Ordem sem outra remuneração que o privilégio de usar o hábito dominicano ainda desvinculado juridicamente dela, passando a ser propriedade do Mosteiro como o seria um escravo.

Quarenta e cinco anos mais tarde, estando agonizando este humilde mestiço, as mais altas personalidades do vice-reino do Peru desfilarão ante seu leito de morte para receber as últimas palavras do virtuoso dominicano e disputar como relíquias os pobres trapos que usou em vida.

MÃE: ESCRAVA LIBERTADA

O Pe. Antonio Polanco registrou no dia 9 de dezembro de 1597 no livro da Paróquia de São Sebastião, em Lima, o batismo do menino Martinho, "de pai não conhecido e de Ana Velasquez, escrava libertada". Seis anos mais tarde, registraria o batizado de Isabela Flores Y Oliva. Não sabia ele que a Providência lhe reservava a graça de

batizar os dois maiores santos nascidos no Peru: São Martinho de Porres e Santa Rosa de Lima.

DE BARBEIRO A IRMÃO LEIGO

D. João de Porres, cavaleiro de Alcântara, que desempenhou altos cargos a serviço da Coroa espanhola, mais tarde adotou Martinho e sua irmã Joana, dando-lhes seu sobrenome. Levou-os para Guayaquil, onde Martinho aprendeu a ler. Mas, nomeado governador do Panamá, D. João devolveu os filhos à mãe para que terminasse de educá-los.

Iniciou-se então o menino no ofício de barbeiro com um vizinho, boticário, que ensinou-lhe também os rudimentos de medicina, que o santo mestiço praticou depois durante o resto de sua vida como enfermeiro dos dominicanos.

APRENDIZADO DA RENÚNCIA

A nota dominante da vida de Martinho de Porres no Convento foi seu grande amor a Deus, do qual provinha a imensa renúncia de si mesmo e a caridade heróica para com o próximo.

E tinha muitas razões para se renunciar o abnegado "donado", numa florescente comunidade com mais de duzentos Frades, além dos

Irmãos leigos e "donados", na qual exercia os ofícios não só de enfermeiro e barbeiro, mas também de sineiro, pois queria ser ele o primeiro a saudar a Mãe de Deus, fazendo repicar os sinos do Convento.

Embora a regra dominicana não permitisse receber na Ordem membros de cor, os superiores de Martinho quiseram fazer para ele uma exceção, em reconhecimento aos nove anos de dedicação que tivera até então no Convento. Assim, em 1603 o antigo "donado" torna-se o Irmão Martinho, passando a pertencer juridicamente à Ordem pela profissão dos votos religiosos. Desta forma, asseguraram aqueles clarividentes dominicanos uma das maiores glórias de sua Ordem na América.

IRMÃO MARTINHO "DA CARIDADE"

Se até então a caridade de Martinho restringira-se às paredes do Convento, após a profissão religiosa estendeu-se a toda cidade. Tal era a caridade do Irmão Martinho para com os necessitados, que acolhia em sua cela todos os desgraçados que encontrava, por mais empesteados que estivessem. Isto fez com que os superiores o proibissem de receber no Convento qualquer pessoa estranha a ele.

Obedecendo, Martinho recorreu a outro expediente: preparou na casa da irmã um aposento onde recebia e cuidava dos seus "protegidos".

PROIBIDO DE MIRACULAR

Tal era a afluência popular ao Convento em procura do Irmão "Caridade" a fim de suplicar-lhe remédios para seus males, que o Superior o proibiu de continuar operando milagres. Conta-se que, certa vez, ao passar pela rua, viu o santo Irmão leigo um operário despencar de uma construção. Imediatamente, ordenou-lhe que permanecesse no ar, contrariando a lei da gravidade, até ir ao convento e obter licença do Superior para socorrê-lo...

OBEDIÊNCIA "POST MORTEM"

A morte do Irmão Martinho da Caridade não impediu que recorressem a ele, sendo o atendimento tão extraordinário, de maneira a causar transtornos à cidade. A pedido das autoridades civis, o Superior dos dominicanos dirigiu-se então ao túmulo do santo e ordenou-lhe que, em nome da obediência, não continuasse operando milagres.

Desde então, as maravilhas obtidas através do santo dominicano passaram a ser apenas de ordem espiritual!

Bibliografia

- "Dictionnaire des Saints"
- Marteau de Langle de Cary et G. Taburet-Missoffe
- Ed. Livre de Poche, Librairie Générale Française, 1963.
- Enriqueta Vila — "Santos de América", Ediciones Moreton S.A., Bilbao, 1968, pp. 69 e ss.

"AS CRUZES DE CADA DIA SÃO LEVES PESOS QUE SOERGUEM QUEM OS CARREGA E O AJUDAM A SUPTORAR PESOS MAIORES. TAMBÉM NA AVE AS ASAS SÃO UM PESO. TENTEM CORTÁ-LAS, E ELA CAIRÁ PARA O CHÃO. COM ELAS AO INVÉS É DONA DO ESPAÇO" (Santo Agostinho)